

*A adorável  
loja de  
chocolates  
de  
Paris*

Título original: *The Loveliest Chocolate Shop in Paris*

Copyright © 2013 por Calibris Ltd.

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alessandra Esteche

*preparo de originais:* Renata Dib

*revisão:* Ana Grillo, Juliana Souza, Livia Cabrini e Taís Monteiro

*projeto gráfico e diagramação:* Natali Nabekura

*capa:* Kate Forrester

*adaptação de capa:* Renata Vidal

*foto da autora:* © Charlie Hopkinson

*e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C659a

Colgan, Jenny

A adorável loja de chocolates de Paris [recurso eletrônico] / Jenny Colgan; tradução de Alessandra Esteche. – São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: *The loveliest chocolate shop in Paris*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0169-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

20-63337

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

Uma mensagem aos leitores

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete  
Capítulo vinte e oito  
Capítulo vinte e nove  
Epílogo  
Receitas  
Agradecimentos  
Sobre a autora  
Informações sobre a Arqueiro



## *Uma mensagem aos leitores*

Existem muitas lojas maravilhosas de chocolate artesanal em Paris. A minha preferida é a Patrick Roger, na rue du Faubourg Saint-Honoré. Recomendo muito a visita e o chocolate quente, não importa a estação. A loja é administrada pelo epônimo Patrick, um sujeito de cabelo cacheado alegre e galanteador.

Este livro não é baseado especificamente em nenhuma dessas lojas, e sim no princípio de que, quando as pessoas dedicam a vida a algo que amam e que sabem fazer, coisas incríveis podem acontecer.

Alguém um dia disse que amamos chocolate tanto assim porque ele derrete na mesma temperatura do interior da nossa boca. Cientistas também falam sobre a liberação de endorfina e etc., que pode ser a justificativa química para esse amor, mas, qualquer que seja a explicação, chocolate é mesmo uma coisa maravilhosa.

E não são apenas as mulheres que adoram. Eu não posso entrar em casa com um pacote de biscoitos de chocolate escondido que meu marido já sente o cheiro e devora tudo. Por isso, incluí algumas receitas encantadoras neste livro. Gosto de pensar que, conforme vou ficando mais velha, posso realmente preparar receitas com chocolate em vez de, você sabe, comer tudo “sem querer” assim que entro em casa ou, às vezes, ainda no carro.

Quando moramos na França (por causa do trabalho do meu marido), fiquei surpresa ao descobrir que os franceses levam o chocolate tão a

sério quanto qualquer outra comida. La Maison du Chocolat é uma rede bastante sofisticada presente na maioria das cidades. Lá, você pode conversar com o *chocolatier* sobre o tipo de chocolate que deseja e o que mais gostaria de comer da mesma forma que fala sobre vinho com um *sommelier*. No meu caso, uma boa barra de Dairy Milk, Toblerone ou, o meu favorito, Fry's Chocolate Cream (natural) já me satisfaz. Nem tudo precisa ser luxuoso para ser apreciado. Infelizmente, meus filhos chegaram à idade em que está ficando óbvio quem é o responsável por roubar as barras de Kinder das lembrancinhas de festa. Crianças, hã... olhem só, eu odeio ter que dizer isto, mas com certeza foi seu pai.

Antes de começarmos, quero falar um pouco sobre idiomas. Pela minha experiência, aprender outra língua é difícil pra caramba, a não ser que você seja uma daquelas pessoas que aprendem as coisas em dois segundos. Nesse caso, eu diria blé (essa sou eu mostrando a língua) para você porque estou com muita inveja.

Nos livros, é comum que, quando os personagens falam em língua estrangeira, isso seja indicado no texto. Preferi não fazer isso aqui. Basicamente qualquer pessoa com quem Anna fala em Paris responde em francês, a não ser que eu indique o contrário. E, nesse caso, nós pensaríamos: “Uau, que INCRÍVEL, ela aprendeu tão rápido!” É claro que Anna tem muitas aulas com Claire, mas, se você já estudou uma segunda língua, sabe que podemos ser muito confiantes nas aulas e depois ir para outro país, onde todos falam a mil por hora, e entrar em pânico porque não entendemos uma única palavra. Com certeza foi o que aconteceu comigo.

Então você precisa acreditar que é exatamente assim para Anna, mas, para que eu não me repetisse sem parar e atravancasse a história, cortei as inúmeras vezes em que ela pergunta “O quê?” ou “Você pode repetir, por favor?”, ou os momentos em que ela precisa consultar o dicionário.

Espero que você goste, e me conte depois como se saiu com as receitas.  
*Bon appétit!*

*Jenny*



## *Capítulo um*

O mais estranho era que, embora naquele instante eu soubesse que havia algo errado – muito, muito errado, algo grave, algo muito sério, uma afronta a todo o meu corpo –, não conseguia parar de rir. Eu ria escandalosamente.

Eu estava deitada, coberta – encharcada – de chocolate derretido e não conseguia parar de rir. Havia outros rostos agora, me olhando de cima, e eu tinha certeza de que reconhecia alguns. Eles não estavam rindo. Aliás, todos pareciam muito sérios. Por algum motivo isso deixava tudo ainda mais engraçado, e eu desatei a rir de novo.

Da lateral, ouvi alguém dizer:

– Junte!

– Não mesmo! Junte você! Que nojo! – rebateu outra pessoa.

Então distingi uma terceira voz, que achei ser do Flynn, o garoto novo do estoque:

– Vou ligar para o 911.

– Flynn, não seja burro, esse número de emergência só funciona nos Estados Unidos – retrucou alguém.

– Acho que agora aqui também é 911, por causa da quantidade de idiotas que insistiam em ligar para esse número – argumentou outra voz.

E uma pessoa pegando o celular e dizendo algo sobre precisar de uma ambulância, o que também achei hilário, e depois outra, que definitivamente era Del, nosso zelador velho e rabugento, falando:

– Bom, eles devem querer jogar essa leva fora, então.

E a ideia de que pudessem não jogar fora o tonel enorme de chocolate, e sim tentar vender, sendo que tinha caído tudo em cima de mim, era realmente engraçada.

Depois disso, graças a Deus, não me lembro de mais nada, embora mais tarde, no hospital, um dos caras da ambulância tenha me dito que eu estava completamente maluca durante o caminho, e que ele sempre soube que o choque afetava as pessoas de maneiras diferentes, mas que a minha experiência era a mais diferente que ele já tinha visto. Então o homem viu meu rosto e disse:

– Ânimo, querida, você vai rir de novo.

Mas, naquele momento, eu já não tinha mais tanta certeza.



– Ah, Debs, querida, pare com isso, foi só o pé dela. Podia ter sido muito pior. E se fosse o nariz?

Esse era meu pai falando com minha mãe. Ele gostava de ver o lado bom das coisas.

– Bom, eles poderiam ter feito um novo. Ela odeia o nariz mesmo.

Essa definitivamente era a minha mãe. Ela não é tão boa quanto meu pai em enxergar o lado positivo. Aliás, eu conseguia ouvi-la soluçar. Mas, de alguma forma, meu corpo evitava a luz. Eu não conseguia abrir os olhos. Não parecia ser só uma lâmpada. Parecia o sol ou algo do gênero. Talvez eu estivesse de férias. Não podia estar em casa, porque o sol nunca aparece em Kidinsborough, minha cidade natal, eleita a pior cidade da Inglaterra por três anos seguidos antes que a pressão política local tirasse o programa de TV do ar.

Meus pais saíram do alcance dos meus ouvidos, como se alguém estivesse sintonizando um rádio. Não fazia ideia se eles estavam lá ou se tinham estado em algum momento. Eu sabia que não estava me mexendo, mas era como se estivesse me contorcendo, trancada numa prisão em formato de corpo na qual alguém havia me colocado. Eu



poderia gritar, mas ninguém ia ouvir. Tentei me mexer, mas não funcionou. O brilho se transformava em escuridão e voltava a ser sol, e nada fazia o menor sentido para mim enquanto eu tinha – ou vivia – os piores pesadelos sobre dedos, pés, pais que desapareciam de repente, a possibilidade de estar enlouquecendo e de, na verdade, ter sonhado com toda aquela outra vida, a parte em que eu era Anna Trent, 30 anos, degustadora em uma fábrica de chocolates.

Aliás, já que estamos falando disso, aqui estão as minhas respostas para as dez perguntas ou afirmações sobre ser degustadora em uma fábrica de chocolates que mais ouço na Faces, a boate local. Não é uma boate muito boa, mas as outras são muito, muito piores:

1. Sim, eu posso te dar amostras grátis.
2. Não, não sou tão gorda quanto você claramente esperava que eu fosse.
3. Sim, é igualzinho ao filme *A fantástica fábrica de chocolate*.
4. Não, ninguém nunca fez cocô no tonel de chocolate. (Mas eu não colocaria a mão no fogo pelo Flynn.)
5. Não, isso não faz de mim uma pessoa mais popular que as outras, afinal tenho 30 anos, não 7.
6. Não, não fico enjoada de ver chocolate – eu adoro chocolate –, mas se acreditar nisso faz com que você se sinta melhor em relação ao seu trabalho, fique à vontade.
7. Ah, é tão interessante que você tenha algo ainda mais gostoso do que chocolate na sua cueca [bocejo]... (Veja bem, eu queria ter coragem suficiente para dizer isso, mas normalmente só faço uma cara feia e desvio o olhar por um momento. Minha melhor amiga, Cath, logo dá um jeito nesses caras. Ou, às vezes, fica com eles.)
8. Sim, posso sugerir sua ideia de chocolate sabor amendoim/cerveja/vodca/geleia, mas não acho que vamos ficar tão ricos quanto você pensa.
9. Sim, eu sei fazer chocolate de verdade, mas na Brader's Family Chocolates eles são processados automaticamente em um tonel enorme e estou mais para supervisora. Eu gostaria de ter um

trabalho mais complexo, mas, segundo os chefes, ninguém quer que metam a mão em seu chocolate, as pessoas querem que ele tenha sempre o mesmo gosto e dure bastante tempo. Então é um processo bem artificial.

10. Não, não é o melhor emprego do mundo. Mas é o que eu tenho e eu gosto dele. Ou pelo menos gostava, até vir parar aqui.

Mas normalmente, na boate, eu só digo “Rum com coca, obrigada”.

– Anna.

Havia um homem sentado ao pé da minha cama. Não conseguia focalizá-lo. Ele sabia meu nome, mas eu não sabia o dele. Isso parecia injusto. Tentei abrir a boca. Estava cheia de areia. Alguém tinha colocado areia na minha boca. Por que faziam isso?

– Anna. – A voz chamou de novo. Definitivamente era real. Definitivamente pertencia à sombra ao pé da minha cama. – Está me ouvindo?

Eu queria dizer “Bom, é claro que estou ouvindo, você está sentado ao pé da minha cama gritando comigo”, mas só consegui emitir um resmungo seco.

– Ótimo, ótimo, muito bom. Quer água?

Assenti. Parecia mais fácil.

– Bom, bom. Não mexa muito a cabeça, pode tirar os fios do lugar.  
ENFERMAGEM!

Não sei se alguém da enfermagem veio ou não. De repente, estava apagada de novo. Meu último pensamento foi que eu esperava que a pessoa não se importasse de ser chamada aos gritos. E não conseguia lembrar: meus pais disseram que havia algo errado com o meu nariz?



– Aqui está ela.

Era a mesma voz, mas não sei quanto tempo depois. A luz parecia

diferente. Um choque súbito de dor percorreu meu corpo como um raio, e eu ofeguei.

– Pronto, é isso. Ela vai ficar ótima.

Pai.

– Ah, eu não estou gostando nada disso.

Mãe.

– Hum... pode me dar aquela água? – perguntei, mas o que saiu foi: “Pó dá á?”

Felizmente, alguém falava a língua do deserto de areia, porque, no mesmo instante, um copo de plástico foi colocado em meus lábios. Aquele copinho de água morna e calcária da torneira era a melhor coisa que eu já tinha colocado na boca em toda a minha vida, e isso inclui a primeira vez que comi um Creme Egg, aquele bombonzinho maravilhoso em formato de ovo. Engoli e pedi mais, só que alguém disse não e ficou por isso mesmo. Talvez eu estivesse na prisão.

– Você pode abrir os olhos? – indagou a voz, autoritária.

– É claro que ela pode.

– Ah, Pete, eu não sei. Não sei.

Estranhamente, foi em parte para contrariar a falta de fé que minha mãe depositava em mim no quesito abrir os olhos que tentei abri-los com vontade. Pisquei e, de repente, com a visão um pouco embaçada, avistei a figura sentada ao pé da minha cama que eu vira antes – desejei que ele saísse dali – e duas formas que me eram tão familiares quanto minhas próprias mãos.

Consegui distinguir o cabelo ruivo da minha mãe, que ela pintava em casa embora Cath tivesse se oferecido para fazer o serviço no salão por um preço que julgava irrisório, mas que minha mãe achava uma extravagância (ela também achava que Cath era irresponsável, o que era verdade, embora isso nada tivesse a ver com seu talento para lidar com cabelos, que, para dizer a verdade, também não era grande). Por isso, durante cerca de uma semana, todo mês, minha mãe ficava com uma faixa estranha cor de hena no topo da testa onde não tinha limpado a tinta direito. E meu pai estava com sua melhor camisa, o que me deixou muito preocupada. Ele só se vestia desse jeito para ir a casamentos e

velórios, e eu tinha quase certeza de que não ia me casar, a não ser que Darr tivesse nascido de novo com uma personalidade completamente diferente, o que eu achava improvável.

– Oi? – falei.

Parecia que o deserto de areia estava recuando, que a divisão entre o real e a bola arenosa e angustiante de confusão e dor estava desaparecendo, que Anna tinha retornado, que o corpo em que eu estava era meu, afinal.

– Querida!

Minha mãe caiu no choro. Meu pai, que não é propenso a grandes demonstrações de afeto, apertou minha mão com delicadeza – a mão, notei, que não tinha um tubo enorme enfiado por debaixo da pele. Minha outra mão tinha. Era a coisa mais aflitiva que eu já tinha visto em toda a minha vida.

– Argh! – exclamei. – O que é isso? É nojento.

A figura ao pé da minha cama sorriu com bastante condescendência.

– Creio que você acharia as coisas muito mais nojentas se isso não estivesse aí – disse. – É para administrar analgésicos e outros medicamentos.

– Bom, será que daria para administrar mais? – perguntei.

A dor aguda atravessou meu corpo mais uma vez como um relâmpago, dos dedos do pé esquerdo até o topo da cabeça.

De repente, percebi outros tubos, alguns entrando e saindo de lugares sobre os quais eu não queria falar na frente do meu pai. Fiquei quieta. Me sentia muito, muito estranha.

– Sua cabeça está rodando? – quis saber a figura ao pé da cama. – Isso é muito comum.

Minha mãe ainda estava choramingando.

– Está tudo bem, mãe.

O que ela disse em seguida me provocou um frio na espinha.

– Não está tudo bem, querida. Não está nada bem.



Durante os dias que se seguiram, eu caí no sono em momentos totalmente aleatórios. O Dr. Ed – era assim que ele se referia a si mesmo, como se fosse um médico de novela ou algo do gênero – vinha e se sentava ao pé da cama, o que os outros médicos não faziam, e olhava em meus olhos como se estivesse fazendo um grande esforço para estar ali comigo pessoalmente. Acho que eu preferia o médico arrogante que aparecia uma vez por semana, mal olhava para mim e fazia perguntas constrangedoras aos alunos de medicina que levava junto.

De qualquer forma, graças às minhas conversas amigáveis com o Dr. Ed, eu estava começando a me lembrar de muito do que tinha acontecido. Eu escorregara na fábrica – todos ficaram muito empolgados se perguntando se haveria alguma norma de saúde e segurança que não fora seguida e se íamos todos ficar milionários, mas, no fim das contas, a culpa tinha sido toda minha. Era um dia de primavera com um calor incomum e decidi experimentar meus sapatos novos, que se revelaram ridiculamente inadequados para o piso da fábrica – eu escorreguei e, em pânico, bati na escada de um tonel e a coisa toda virou. Em seguida vim para o hospital e fiquei doente.

– Um bichinho tentou me infectar? – perguntei ao Dr. Ed.

– Bom, sim, foi mais ou menos isso – respondeu ele, sorrindo e revelando dentes exageradamente brancos que deviam ter passado por clareamento. Talvez ele estivesse praticando para aparecer na televisão. – Não um bichinho do tamanho de uma aranha, Anna.

– Eu sei que não – falei, irritada.

Ele jogou o cabelo para o lado.

– Bom, essas coisas são muito, muito pequenas, tão pequenas que você não conseguiria enxergar mil delas mesmo que estivessem sentadas bem aqui no meu dedo!

Talvez houvesse algo errado no meu prontuário, talvez houvesse a informação de que, em vez de quase 31 anos, na verdade eu tinha 8.

– Não ligo para o tamanho. Eles fazem com que eu me sinta muito mal.

– E é por isso que estamos lutando contra eles com todas as armas que temos! – disse o Dr. Ed, como se ele fosse o Super-Homem.

Não mencionei o fato de que, se todo mundo tivesse limpado o lugar

com todos os esfregões disponíveis, eu provavelmente não teria sido infectada, para começo de conversa.

Além do mais, ah, meu Deus, eu estava muito agitada. Não tinha vontade de comer nem beber nada que não fosse água (meu pai trouxe marshmallows e minha mãe quase bateu nele, porque ela tinha certeza absoluta de que iam ficar presos na minha garganta e eu ia morrer bem ali na frente deles). Eu dormia muito e, quando não estava dormindo, não me sentia bem o bastante para assistir TV, ler, conversar com as pessoas ao telefone ou qualquer coisa do tipo. Meu Facebook estava cheio de mensagens, de acordo com as notificações no meu celular (eu checava em segredo), que alguém – Cath, eu suspeitava – tinha conectado na tomada ao lado da minha cama, mas eu não estava preocupada em ler nenhuma delas.

Eu me sentia diferente, como se tivesse acordado em uma terra estranha onde ninguém falava minha língua – nem minha mãe, nem meu pai, nem meus amigos. Era a língua de dias estranhos e nebulosos, quando nada fazia muito sentido, de dor constante, quando era quase impossível cogitar a hipótese de me mexer, ainda que fosse só para estender o braço até o outro lado da cama. A terra dos doentes parecia um lugar muito diferente, onde você era alimentado por terceiros, as pessoas mexiam em você o tempo inteiro e todos falavam como se você fosse uma criança, e você estava sempre, sempre com calor.



A escola aparecia muito em meus sonhos febris. Eu odiava a escola. Minha mãe sempre dizia que ela não era muito estudiosa, então eu também não seria, e isso praticamente definiu as coisas, o que, em retrospectiva, parece bem ridículo. Por isso, durante muito tempo, quando tinha alucinações com o rosto dos meus antigos professores, eu não levava muito a sério. Então um dia acordei bem cedo, quando o hospital ainda estava no momento mais silencioso, o que nem era tão silencioso assim, e virei a cabeça devagar para uma cama ao meu lado.

Ali, vi a Sra. Shawcourt, minha ex-professora de francês, não em um sonho ou uma alucinação. Ela me olhava calmamente.

Pisquei para ver se ela desaparecia. Não desapareceu.

Eu estava em uma enfermaria pequena, com quatro camas, o que parecia estranho. Ou eu estava com alguma coisa contagiosa ou não. As outras duas camas estavam vazias naquele instante, mas, durante o tempo que passei lá, tiveram uma rotatividade alta de senhoras que pareciam não fazer muita coisa além de chorar.

– Olá – disse a Sra. Shawcourt. – Eu conheço você, não conheço?

De repente senti um rubor no rosto, como se eu não tivesse feito o dever de casa.

Eu nunca fazia o dever de casa. Cath e eu costumávamos matar aula – era francês, uma matéria completamente inútil, quando iríamos precisar daquilo? – ou então sentávamos na fileira do fundo, onde os professores não nos viam, e ficávamos batendo papo com uma imitação do sotaque de Manchester, falando sobre como Kidinsborough era um saco e que iríamos embora na primeira chance que tivéssemos.

– Sou Anna Trent – respondi, fazendo que sim com a cabeça.

– Você foi minha aluna durante dois anos.

Olhei-a com mais atenção. A Sra. Shawcourt sempre chamara atenção na escola como a mais bem-vestida, pois a maioria dos professores era um bando de relaxados. Ela tinha uns vestidos que caíam muito bem e a valorizavam; dava para perceber que não tinham sido comprados numa loja de departamentos. Seu cabelo era loiro na época...

Percebi, um pouco chocada, que ela não tinha nenhum cabelo. E que estava muito magra também. Ela sempre fora magra, mas agora...

Então falei a coisa mais idiota em que poderia pensar – em minha defesa, eu não estava nada bem.

– Você está doente?

– Não – respondeu a Sra. Shawcourt. – Estou de férias.

Houve uma pausa, depois dei um sorriso torto. Lembrei que, na verdade, ela era uma ótima professora.

– Sinto muito por seus dedos – comentou ela, abrupta.

Olhei para a faixa que cobria meu pé esquerdo.

– Ah, eles vão ficar bem. Foi só um tombo – expliquei.

Então vi seu rosto. E percebi que, durante todo aquele tempo, as pessoas falavam sobre minha febre, minha doença, meu acidente, mas ninguém tinha pensado em me contar toda a verdade.



Mas não podia ser verdade. Eu conseguia senti-los ali.

Olhei para ela, que sustentou o olhar sem piscar.

– Eu estou sentindo eles – falei.

– Não acredito que ninguém te contou – disse a Sra. Shawcourt. – Malditos médicos.

Olhei para a faixa outra vez. Tive vontade de vomitar. Então vomitei em uma das muitas aparadeiras que tinham deixado ao lado da minha cama.



O Dr. Ed veio mais tarde e se sentou na minha cama. Olhei para ele de cara feia.

– Bom... – começou ele, checando as anotações. – Anna, sinto muito que você não estivesse ciente da gravidade da situação.

– Porque você ficava falando de “acidentes” e “incidentes lamentáveis” – retruquei, irritada. – Eu não tinha percebido que eles não estavam mais ali. Mas eu consigo senti-los. Eles estão doendo muito.

O médico assentiu.

– Isso é muito comum, infelizmente.

– Por que ninguém me contou? Todo mundo só ficava falando de febre, bichinhos e não sei mais o quê.

– Era com essas coisas que estávamos preocupados. É bem menos provável que você morra por ter perdido alguns dedos.